

EDITORES E ESCRITORES NO ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA (RJ, 1937-1944)¹

Publishers, writers in the Anuário Brasileiro de Literatura (RJ, 1937-1944)

Tania Regina de Luca²

RESUMO:

O artigo analisa o *Anuário Brasileiro de Literatura* (ABL), impresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1937 e 1944, período marcado por forte expansão do mercado livreiro. Projeto da Irmãos Pongetti, empresa que iniciou suas atividades no campo da edição em 1935, a publicação objetivava dar a conhecer os títulos (re)lançados no ano anterior. Entretanto, para distanciar-se de uma monótona listagem, acolheu em suas páginas conteúdo diversificado, que incluía ensaios, produção ficcional, entrevistas e balanços de atividades em diferentes campos culturais, compondo um instigante caleidoscópio. Desse complexo conjunto, a atenção recaiu na maneira como a produção do objeto livro, as condições prevalentes no mercado editorial, os editores e os escritores foram representados em suas páginas, o que colabora para compreender os diversos sentidos e funções cumpridas pela publicação.

Palavras-chave: *Anuário Brasileiro de Literatura*, editores, escritores, mercado editorial

ABSTRACT:

The article analyzes the *Anuário Brasileiro de Literatura* (ABL), printed in the city of Rio de Janeiro between 1937 and 1944, a period marked by a strong expansion of the bookselling market. A project of Irmãos Pongetti, a company that began its activities in the field of publishing in 1935, the *Anuário* aimed to make known the titles (re)launched in the previous year. However, to distance itself from a monotonous listing, it embraced diverse content on its pages, including essays, fictional production, interviews, and overviews of activities in different cultural fields, composing an instigating kaleidoscope. From this complex ensemble, attention focused on how the production of the books, the prevailing conditions in the publishing market and how publishers and writers were represented on its pages, contributing to understanding the various meanings and functions fulfilled by the publication.

Keywords: *Anuário Brasileiro de Literatura*, publishers, writers, publishing market

1 Pesquisa financiada com recursos do CNPq.

2 Doutora em História Social pela Universidade São Paulo. Professora Titular do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bolsista Produtividade do CNPq. Contato: trdeluca@uol.com.br.

O *Anuário Brasileiro de Literatura* circulou no Rio de Janeiro entre 1937 e 1944 e somou sete edições, pois a derradeira, relativa aos anos 1943 e 1944, reuniu os números sete e oito em volume único, sob a responsabilidade de Zélio Valverde, enquanto todas as demais saíram com a chancela dos Irmãos Pongetti.³ Apesar de se tratar de projeto associado a empresas específicas, a publicação foi caracterizada como “primeira forma de expressão sistemática e durável de editores como categoria coletiva” (SORA, 2010, p. 352-353). E, de fato, o principal objetivo do periódico era dar a conhecer a lista dos (re) lançamentos do ano imediatamente anterior (ou seja, de 1936 a 1943), o que foi feito nas muitas páginas da seção “Movimento Bibliográfico”, que fechava cada um dos volumes. Mais do que registro de simples mercadorias, o conjunto, agrupado em espaço único, atuava de modo a superar a dispersão e fragmentação de catálogos individuais, o que evidenciava a ação dos editores e se constituía em demonstração de força coletiva. Não é incorreto, portanto, tomar o *Anuário* enquanto índice da relevância assumida pelo setor, num momento em que a tarefa de conhecer e construir o país constituía-se em bordão do regime implantado em 1930.

A indexação sistemática revelou que o *Anuário*, além da seção que motivou sua existência, abordou temas os mais variados, relativos à crítica e produção literárias do presente e passado, estudos de personagens e eventos históricos e contemporâneos, desafios no campo cultural e educacional, necrológios, balanços no âmbito da música, teatro, cinema e artes plásticas, comentários acerca de exposições e palestras, notícias sobre visitantes ilustres que por aqui aportavam. Diante desse complexo caleidoscópio, a análise recaiu, por um lado, nas questões relacionadas à cadeia produtiva do livro, afinal, se trata de veículo que pretendia divulgar os resultados alcançados por editoras e, por outro, na forma como os escritores,⁴ efetivos protagonistas dos catálogos, e as instâncias que os consagravam, a exemplo de academias, associações e premiações, foram apresentados aos leitores. Ao centrar a atenção nesses aspectos espera-se compreender as estratégias mobilizadas para evidenciar o papel desempenhado por editores e autores, bem como o reconhecimento que ambicionavam alcançar no âmbito da sociedade brasileira.

Sobre a produção e o mercado do livro

O primeiro aspecto que surpreende é a pequena quantidade de textos acerca das condições vigentes no mercado editorial e no processo de produção, distribuição e divulgação dos livros, um total de vinte e oito ocorrências em sete volumes, ou seja, média de quatro

3 A coleção completa está disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

4 O uso do masculino justifica-se pelo fato de as escritoras estarem, se não de todo ausentes das páginas do *ABL*, nelas compareciam de modo muito esparso, o que explicita o quanto as hierarquias de gênero ainda estavam vigentes no período.

por ano, dos quais onze (39%) devem ser creditados à redação, pois não traziam assinatura. Em termos de distribuição, as maiores incidências ocorreram no momento do lançamento e no último exemplar, quando o impresso passou da Irmãos Pongetti para Zélio Valverde.⁵

As referências ao mundo da edição insistiam no progresso alcançado, como se observa no artigo de Henrique Pongetti, particularmente significativo por sintetizar avaliação frequentemente reproduzida pela historiografia. Estampado no número inaugural do *Anuário*, projeto de seus irmãos, Rogério e Rodolfo, pode ser considerado extensão do editorial, tanto que figurou na sequência do texto programático. O dramaturgo e jornalista traçou um quadro melancólico, no qual editores e livreiros foram caracterizados como “sabotadores do pensamento nacional”, com a exclusão honrosa de Monteiro Lobato. A bem urdida estratégia narrativa contrapôs o passado sombrio ao fulgurante presente e celebrou a instauração de um novo tempo, marcado pela aceleração das transformações, em sintonia com o discurso dos que instituíram a Nova República:

Vocês já viram que espécie de livros nacionais e estrangeiros o Brasil compra à Ariel Editora, à Civilização Brasileira, à Globo, ao José Olympio, aos meus irmãos Pongetti? Vocês já observaram que nós traduzimos imediatamente a melhor produção mundial e que se esgotam tiragens grandes de obras ditas para a elite, elite que há dez anos era composta de cinquenta brasileiros que sabiam francês e achavam hediondo o casamento do pensamento europeu com o nosso bárbaro idioma? Vocês já imaginaram as tiragens de Humberto de Campos, tão perto do tempo em que Machado de Assis entregava ao seu editor benevolente quase com ares de vigarista, os manuscritos de uma obra-mestra? (PONGETTI, 1937, p. 10).

O otimismo, ancorado no crescimento da atividade ao longo da década de 1930, foi mobilizado para justificar a decisão de lançar o novo periódico, exaltado no texto de apresentação em vista da “utilidade e oportunidade de um órgão de coordenação e de aproximação que faltava para completar esse surto admirável da indústria do livro brasileiro” (NEVES, 1937b, p. 6). Contudo, as páginas do *Anuário* não foram além do tom celebrativo, uma vez que pouca atenção foi dispensada às condições vigentes no mercado. Assim, por exemplo, um único artigo tratou da situação do livro francês no contexto pós-ocupação, com o intuito de assinalar a elevação dos preços e o surgimento, no continente americano, de editoras que imprimiam obras na língua de Molière, asseverando que entre nós “surgiram

5 A distribuição da temática ao longo dos anos foi a seguinte: 1937 (5), 1938 (3), 1939 (4), 1940 (4), 1941 (1), 1942 (0), 1943-1944 (11).

várias empresas francesas” (ZINGG, 1943-1944, p. 97),⁶ sem preocupação de identificá-las, detalhar as atividades que desenvolviam, explicitar o relacionamento mantido com as congêneres nacionais ou mesmo discutir o impacto da ocupação nazista para a importação e o consumo do livro francês em âmbitos nacional e internacional.

Tampouco se encontram discussões relativas aos aspectos específicos da cadeia produtiva, a exemplo dos equipamentos gráficos, recursos técnicos utilizados na composição e impressão ou acerca da mão de obra mobilizada, seja sob a perspectiva pregressa ou vigente.⁷ Alguma atenção recaiu sobre o papel, insumo fundamental para a indústria tipográfica, com três notas não assinadas que exaltavam o combate ao contrabando, o uso de matéria prima local, o aumento da tonelagem e do número de indústrias papeleiras no país, numa clara intensão de louvar os esforços nacionais. Em tom pedagógico, justificava-se a importação do papel de imprensa, a despeito de sua fabricação não impor maiores dificuldades, por conta do monopólio de alguns poucos países, capazes de fornecê-lo a preços mínimos em razão da amplitude da escala de fabricação, o que não desabonava a decisão brasileira de optar pelo fornecimento externo, também adotada pelas principais econômicas do mundo (Fatores econômicos, 1937; Uma realidade incontestável, 1938; O papel no quadro da economia brasileira, 1940).

O silêncio em torno dos aspectos envolvidos no circuito responsável por transformar textos em livros pode ser interpretado como indício de hierarquias e distanciamentos, por vezes mais desejados do que efetivos, entre as figuras sociais do editor, responsável por decisão de cunho intelectual acerca do (não) lançamento de uma obra, e do impressor, às voltas com a fabricação do objeto. De fato, a passagem de livreiro e/ou impressor a editor constituía-se em percurso frequente, sem que a atividade pregressa fosse necessariamente abandonada. Veja-se o exemplo de Rogério e Rodolfo Pongetti que, no início dos anos 1920, estavam à frente da Empresa Gráfico Editora Paulo, Pongetti & Cia, cuja chancela pode ser encontrada em anúncios de livros. Contudo, não respondiam por um ato editorial,⁸ antes limitavam-se a prestar serviços requisitados por terceiros, como se lê no primeiro número do *Anuário*: “embora a seção de tipografia exista há muitos anos, seu departamento editorial começou a funcionar de 1935 para cá” (Movimento Bibliográfico, 1937, p. 300).

A questão é importante na medida que colabora para circunscrever os objetivos do ABL, que se filiavam menos à fatura física do livro do que à publicização dos exemplares que chegavam às vitrines e prateleiras das livrarias. Na publicação, a ênfase recaía na atividade

6 Paulo Zingg (1917-1991), jornalista e educador nascido em São Paulo, foi educado na França, onde nasceram seus pais.

7 A exceção ficou por conta de nota não assinada que homenageou o português Teófilo Carinhas, que chegou ao Brasil em 1917, fundou várias revistas e jornais e cuja Oficinas Gráficas Empresa Número imprimiu em 1929 o famoso *Álbum da colônia portuguesa no Brasil* (Um pioneiro da nossa indústria gráfica, 1943-1944).

8 A respeito do conceito de ato editorial, consultar (OUVRY-VIAL; RÉACH-NGÔ, 2010).

de mediação entre o escritor e o público, de modo a assegurar lugar simbólico de destaque para as casas editoriais, que se apresentavam como elementos fundamentais para a difusão e preservação do patrimônio sociocultural brasileiro. A tarefa demandava competências e saberes de natureza específica no interior de um sistema que então conhecia processo de especialização, com separação crescente entre os diferentes momentos que envolviam o trabalho de transformar textos em livros, aliás como o exemplo da Pongetti bem o demonstra. Do ponto de vista hierárquico, a função editorial ocupava o ápice e não por mero acaso é ela que recebe atenção no *Anuário*.⁹

Assinale-se que os encarregados de organizar o *ABL*, assim como os colaboradores, eram escritores, enquanto a seção “Movimento Bibliográfico”, razão de ser da publicação, começou de forma tímida e se complexificou a partir de 1939. Nos dois primeiros números, as informações sobre o que fora impresso no ano anterior foram organizadas por editora para, daí em diante, passar a fornecer dados completos dos livros – autoria, título, chancela editorial, formato, número de páginas, preço, tipo de encadernação (brochada ou cartonada), presença de ilustrações, planchas e/ou desenhos, local de impressão, número da edição, título e volume para o caso de coleções e, por vezes, o tradutor de obras estrangeiras – ordenados segundo as dez classes propostas por Melvil Dewey,¹⁰ cabendo a tarefa não a um literato, mas a Áureo Ottoni (1911-1977), especialista em biblioteconomia.

Se as condições técnicas vigentes na indústria não ocuparam lugar de destaque na pauta dos que respondiam pelo *Anuário*, os anúncios, espalhados ao longo dos volumes, incluíam empresas que fundiam tipos, vendiam maquinário gráfico, ofereciam tintas para impressão, serviços de tipografia e clichêria, encarregavam-se de encadernar e dourar, fabricavam ou forneciam papel, a indicar que a publicação atraía aqueles que atuavam no segmento, fossem empreendimentos de grande porte ou pequenos ateliês, a grande maioria estabelecida na cidade do Rio de Janeiro. Tal fato expressa, na própria materialidade do impresso, a distinção entre a tarefa do editor e a dos demais envolvidos na indústria livreira, que pagavam para comparecer nas páginas da publicação, ofertando seus produtos e serviços.

A aparência do produto acabado, por seu turno, mereceu atenção dos articulistas

9 Acerca do processo histórico de construção do editor, consultar: (LEGENDE; ROBIN, 2005).

10 A classificação proposta por Melvil Dewey (1851-1931) comporta classes, de zero a dez (Generalidades; Filosofia; Religião; Ciências Sociais; Filologia, Linguística; Ciências Puras; Ciências Aplicadas; Belas Artes, Esportes, Divertimentos; Literatura; História e Geografia) e tem sido, desde que foi proposta em 1876, constantemente atualizada (POMBO, 1998).

da publicação. Artigo de Costa Neves, diretor intelectual do *Anuário* em 1937,¹¹ depois de destacar a competência dos nossos ilustradores, lamentou que fossem requisitados somente para obras didáticas, científicas e infantis, mas raramente para as literárias. O texto foi acompanhado por esmeradas ilustrações provenientes de livros, algumas coloridas, realizadas por Paulo Werneck, Gilberto Trompowsky, J. Carlos, João Fahrion e Francisco Acquarone, além de belo encarte¹² com trabalhos de Santa Rosa para *Histórias da velha Totônia*, de José Lins do Rego. No texto, a ênfase recaiu na Coleção Ilustrada, da Pongetti, e nas colaborações de Wasth Rodrigues para a Nacional, exemplos utilizados para lembrar aos editores quanto à “necessidade de se apresentar livros mais atraentes,” além de saudar a iniciativa do Ministério da Educação e Saúde, que instituíra concurso para premiar livros infantis (NEVES, 1937b). Cabe notar o destaque atribuído à casa que respondia pelo *Anuário*. Como que para reforçar o que se afirmara em 1937, o exemplar subsequente estampou outro encarte, com ilustrações coloridas que acompanhavam romances, sem qualquer comentário adicional, o que, além de reafirmar pela visualidade as posições de Neves, constituía-se em estratégia para atrair a atenção do leitor para as obras. Ilustram esse procedimento as Figuras 1 e 2.

11 Em relação à redação, em 1937 havia o diretor responsável (Rogério), o diretor gerente (Rodolfo) e o diretor intelectual (J. L. Costa Neves). Nos dois números seguintes, o cargo de diretor intelectual foi substituído por um conjunto de redatores, mantendo-se os proprietários tal como 1937, o que também se observa em 1940 e 1941, porém, em vez de vários redatores foi criado o posto de redator chefe, ocupado por Newton Beleza, secundado, na secretaria, por Carlos Domingues em 1940 e Lobivar Matos em 1941. No exemplar de 1942 figuram apenas os nomes de Rodolfo e Rogério, sempre nos mesmos cargos. Por fim, em 1943-1944, a tarefa foi novamente cumprida por um grupo, no qual estava o novo proprietário, Zélio Valverde.

12 Folha de papel de melhor qualidade, sem numeração e, no mais das vezes, com impressão colorida em apenas uma das páginas.

FIGURAS 1 E 2:
ENCARTE. ILUSTRAÇÕES E CAPA COLORIDAS. APENAS SEIVA NÃO FOI EDITADO PELA
PONGETTI



Fonte: A ilustração no livro brasileiro. *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, n. 2, s/n, 1938.

A prática sugerida para os livros de literatura ganhou concretude no *ABL*, tanto que os muitos excertos de romances em preparo, no prelo ou recém-publicados, assim como contos e poesias, traziam ilustrações que dialogavam com o conteúdo. Registre-se que se tratava de via de mão dupla: o periódico legitimava-se, pois o índice estampava nomes destacados que, por sua vez, tinham trechos de suas obras reproduzidos com esmero, o que poderia aguçar a curiosidade do leitor e se constituía em publicidade gratuita, para editores e autores. A preocupação em se valer de material imagético é patente durante o período Pongetti, que reuniu em torno do *ABL* um conjunto diversificado de artistas do lápis.¹³

Ao lado dos ilustradores, o tradutor/a era outro personagem indispensável para a oferta de obras estrangeiras ao leitor brasileiro. A partir de 1939, a seção “Movimento Bibliográfico” passou a indicar, na maioria dos casos, o responsável pela empreitada. No ano anterior, o *Anuário* trouxe artigo sobre diretor, que também acumulava a função de tradutor da maior parte das obras que compunham a coleção *Espelho das grandes vidas*, da Pongetti, que, como se vê, não hesitou em mobilizar o periódico para divulgar os

13 Entre os nomes que figuraram como responsáveis pelas ilustrações estão Octavio Sgarbi, Paulo Werneck, Percy Deane, Yolanda e Tomás Santa Rosa.

seus produtos. Não sem exagero, a tradução do alemão de *Danton*, de Hermann Wendel, lançada pela casa em 1935, foi referida como “uma nova fase da tradução brasileira”, a provar que “o quanto uma boa versão pode influir na vendagem de uma boa obra” (Carlos Domingues, 1938),¹⁴ sem que houvesse preocupação de discutir os desafios a serem enfrentados na empreitada.

A exemplo do que se observa em relação aos editores, havia preocupação de distanciar o árduo trabalho de Domingues, responsável por selecionar as obras que compunham a coleção, traduzir várias delas e supervisionar as versões realizadas por outros indivíduos, de ganhos financeiros, tanto que o leitor era informado que ele o realizava “sem qualquer preocupação de mercantilismo, sacrificando suas horas de repouso pela sedução de uma tarefa que lhe é fascinante” (Carlos Domingues, 1938). É instrutivo contrapor o tom encomiástico do texto dedicado a Domingues ao longo artigo de Smith (1943-1944),¹⁵ que fornece útil rol de autores brasileiros traduzidos para o inglês desde o século XIX, acompanhado de comentários sobre a recepção de cada um deles e reflexões no que respeita à diversidade de interferências e de critérios adotados por editores e tradutores, sob o argumento de torná-los compreensíveis para o leitor estrangeiro.

A leitura do *Anuário* indica que não apenas o produto em si estava se tornando cada vez mais atraente, em termos de apresentação, recursos gráficos, diversidade temática e qualidade das traduções, também o processo de divulgação se sofisticou graças à crescente profissionalização da publicidade, perceptível nas diferentes estratégias mobilizadas para dar a conhecer os títulos e autores que então se multiplicavam. Sem dúvida, o próprio periódico cumpria tal função e os que percorriam os exemplares deparavam-se, a cada página, com o nome de autores, de editoras e de seus proprietários, fosse em pequenos excertos ou comentários acerca das novidades saídas dos prelos ou a aparecer,¹⁶ em artigos de história e crítica literárias, nas análises acerca da trajetória de intelectuais, em encartes ilustrados, como os mencionados, ao que se deve acrescentar a seção “Movimento Bibliográfico”, razão de ser do periódico.

Não tardou para que os editores passassem a utilizar o *Anuário* a fim de divulgar

14 Carlos Augusto Guimarães Domingues (1896-1974), advogado, professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro e presidente da Liga Brasileira de Esperanto. Autor de dicionário português-esperanto e esperanto-português. Foi secretário do *ABL* em 1940.

15 Carleton Sprague Smith (1905-1994), musicólogo norte-americano, foi professor no Departamento de História da Columbia University e Diretor da Divisão de Música da New York Public Library. Visitou o Brasil em 1940 e residiu em São Paulo entre 1944 e 1946, quando ocupou o cargo de adido cultural dos EUA. Sobre sua trajetória (KATZ 1995).

16 No último *ABL*, lançado em janeiro de 1945 com a chancela de Zélio Valverde, há texto sobre os planos editoriais da Brigueit-Garnier (BARBOSA, 1943-1944), da Martins (PEREIRA, 1943-1944) e da Kosmos, cujo autor, ao saudar as edições de luxo da empresa, destoou do tom elogioso que sempre caracterizou o periódico ao afirmar: “os livros brasileiros são mal impressos, em geral cheios de erros de revisão, quase sempre apresentados com o menor interesse artístico” (BARBOSA, 1943-1944, p. 316).

seus catálogos, coleções ou obras específicas, oportunidades em que se destacava a reputação da autoria, com propagandas que ocupavam uma ou mais páginas, enquanto outras, de menor dimensão, entremeavam-se por artigos e seções. Era comum que se recorresse à iconografia e à reprodução de comentários favoráveis da imprensa, o que, ainda uma vez, aponta para a preocupação com a publicidade. A despeito da considerável diferença em termos de ocorrências e dimensões, figuraram nas páginas do ABL a Companhia Editora Nacional, Civilização Brasileira, José Olympio, Martins, Alba, Calvino, Brigueit, Francisco Alves, Freitas Bastos, Vecchi, Zélio Valverde, Guanabara, Globo, Guaíra.¹⁷ Não surpreende que as menções à Pongetti fossem as mais numerosas, inclusive por conta da inserção de pequenas notas, por vezes repetitivas, que ocupavam espaços de acordo com as necessidades da diagramação. Entretanto, a questão da formação do leitor, das bibliotecas e mesmo dos entraves enfrentados no processo de distribuição do que se imprimia pelo país afora não estiveram entre os temas tratados nos artigos do *Anuário*.¹⁸

Se muitas das páginas do periódico eram ocupadas com publicidade, um único artigo abordou as estratégias então mobilizadas para a difusão do livro, que poderiam incluir vitrines caprichosamente decoradas com temáticas alusivas ao conteúdo da obra, cartazes espalhados pela cidade, campanhas em periódicos, o que incluía o próprio ABL, e em emissoras de rádio. Ainda uma vez, a distinção recaiu nas obras editadas pela Pongetti, como se vê nas Figuras 3 e 4, que ilustram texto de responsabilidade da redação (O livro e a publicidade, 1941). Na primeira imagem, evidencia-se a conexão entre mercado editorial e cinema, tanto que as dificuldades financeiras enfrentadas pela Pongetti foram sanadas graças aos lucros obtidos com *E o vento levou*, de Margaret Mitchell, cuja adaptação para as telas foi lançada no Brasil em janeiro de 1940, mesmo ano de publicação da tradução da obra, que fora recusada pela José Olympio (HALLEWELL, 2005, p. 447), enquanto a segunda refere-se ao romance de Yoshio Nagayo. Em registro diverso, a norte-americana W. M. Jackson apostava no envio de vendedores pelo país afora, prática então pouco comum entre os editores locais (Fatos da vida de uma livraria, 1943-1944).

17 Ao lado da publicidade de editoras e de produtos relativos à impressão, assinala-se a presença de livrarias, papelarias, periódicos de natureza diversa, que guardavam relação direta com a atividade intelectual, ao que se deve somar ofertas de serviços especializados de médicos e advogados, anúncios de bancos, seguradoras, hotéis, cassinos, emissoras de rádio, salas de cinema, fotógrafos, remédios, fortificantes, produtos de higiene pessoal, compondo mescla bastante heterogênea.

18 Somente um texto, publicado no último número, fez referência à carência de livros no interior no país, observação motivada pela proposta de Assis Chateaubriand de organizar, às suas expensas, bibliotecas em alguns estados (D'ALVAREZ, 1944).

FIGURAS 3 E 4
VITRINES DECORADAS COM TÍTULOS DA EDITORA PONGETTI



Fonte: O livro e a publicidade. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 210, 1941.

Em relação ao rádio, além das campanhas custeadas pelas editoras, algumas emissoras tinham programas dedicados à literatura. Os volumes do *Anuário* lançados entre 1938 e 1942 trouxeram a seção “O livro e o rádio”, que informava o título e a temática das obras divulgadas ao longo do ano transcorrido no programa semanal *Através dos livros*, desde novembro de 1936 sob responsabilidade do professor Roberto Seidl e transmitido pela rádio P.R.A.2, do Ministério da Educação e Saúde, em consonância com a perspectiva de utilizar as potencialidades educativas do novo veículo.¹⁹ Já a Rádio Difusora de São Paulo levava ao ar iniciativa semelhante com *O livro do dia*, o que rendeu muitos elogios ao seu diretor, Décio Pacheco Monteiro (Iniciativa de alta significação, 1937; O que é a Rádio Difusora de São Paulo, 1939).²⁰

Não se tratava de experiência solitária, pois Alziro Zarur, que já iniciara a carreira de radialista, julgava que o “rádio se limita a veicular tudo o que temos de soberanamente inferior e deprimente”, pois o único objetivo era o de “contentar a ralé”. Após relatar o sucesso de suas investidas culturais na Rádio Retransmissora Brasileira, revelou aos leitores a intensão de organizar um programa diário dedicado aos livros e à cultura.

19 Textos que noticiavam a difusão de obras no rádio não foram incluídos na contagem relativa à fatura e distribuição do livro, por se tratar de iniciativa que independia da ação de editores.

20 O texto de 1939 registra a visita de representantes do ABL às dependências da emissora e traz reprodução de fotografias.

Chama a atenção os termos que o autor utilizou para caracterizar a programação de cunho popular, que pretendia combater. Os estereótipos relativos à etnia e classe ficam ainda mais evidentes quanto justifica as razões que o levaram a propor o pretendido programa, que lançou posteriormente com o nome *Enciclopédia Literária*, caracterizado enquanto antídoto para “sacudir a massa intoxicada de batuques africanos e demagogias intermináveis” e que contribuiria para “instruir educar, dirigir o povo, obrigá-lo a pensar, a estudar, a compreender para dominar os seus destinos, consciente da sua força formidável” (ZARUR, 1937, p. 145-146).²¹ Essa caracterização expressa expressava sem rodeios visão que, muito provavelmente, era compartilhada por aqueles que dirigiam e colaboravam no *ABL*. Os exemplos citados evidenciam as conexões entre os diferentes meios de comunicação de massa (edição, cinema e rádio), que encontravam particular expressão no campo da publicidade.

As páginas do *Anuário* eram mobilizadas no caso da adoção de medidas que poderiam afetar diretamente os interesses da indústria. Assim, nota não assinada no exemplar de 1939 repisou o otimismo quanto aos resultados atingidos, desta feita para insistir no aperfeiçoamento gráfico das obras didáticas, nos preços acessíveis e na diversidade de coleções disponíveis, fossem cartilhas, livros de leitura ou os destinados ao ensino das diferentes disciplinas, tanto que os professores eram “assediados pelos propagandistas das casas editoriais, que distribuem milhares de exemplares de livros a título de amostra” (*A indústria do livro no Brasil*, 1939). O texto, aparentemente sem maior significado, assume outros sentidos quando se tem em vista que esse exemplar do *Anuário* foi lançado em março, momento em que já estavam em vigor os quarenta artigos do Decreto-Lei 1006, de 30/12/1938, que instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), com competência para avaliar e (des)autorizar a circulação e o uso de obras em todas as escolas, fossem públicas ou privadas, além de prescrever as condições de sua produção, importação e utilização, o que incluía a exigência de estampar o preço na capa, que só poderia ser alterado mediante prévia aquiescência da Comissão.

A medida por certo inquietou autores e sobretudo editores de livros escolares, ainda mais porque em dezembro de 1937 o governo criara o Instituto Nacional do Livro (INL), constituído por três seções técnicas encarregadas de publicar a *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário da Língua Nacional*; editar toda sorte de obras de grande interesse para a cultura nacional e promover medidas para aumentar, melhorar e baratear os livros, bem como facilitar a sua importação; incentivar a organização de bibliotecas pelo país afora e apoiar as existentes, o que atestava o interesse do regime em se fazer presente no mundo dos impressos.²² A visão edulcorada da produção destinada às escolas, tal como

21 Alziro Zarur (1914-1979) esteve à frente de programas de grande sucesso e fundou a Legião da Boa Vontade.

22 O primeiro número do *Anuário* foi lançado em julho de 1937, portanto antes da criação do INL.

apresentada no *Anuário*, expressava a preocupação dos empresários e estava longe de se constituir em elogio inocente.

Ainda no exemplar de 1939, cuja organização ocorreu sob o impacto da criação da CNLD, destacou-se a competência de autores e editores nacionais na produção de manuais voltados para o ensino do inglês e do francês, quicá por temor de que se colocassem em prática ações que incentivassem a entrada de materiais provenientes do exterior. Em contraposição aos compêndios estrangeiros, considerados caros e inadaptados à realidade brasileira, o artigo exaltou os produzidos pelos Irmãos Pongetti, Francisco Alves e Companhia Editora Nacional, sob o argumento, apresentado por autor consagrado de livro didático, de que eram elaborados com apuro técnico, segundo métodos pedagógicos seguros e vendidos por valores módicos. A crítica dirigia-se ao livro malfeito e comprovadamente errado, o que permitia saudar “o recente decreto do Governo Federal, subordinando o livro escolar ao controle oficial, que vem em boa hora remediar aqueles abusos” (LANTEUIL, 1939, p. 428)²³ que, logo se subentende, não faziam parte da prática de empresas sérias.²⁴

Os exemplos deixam patente que as páginas do *ABL* também foram mobilizadas para expressar os interesses dos editores, que os defenderam ancorados em argumentos técnicos, a exemplo da qualidade, adequação e preço dos livros, sem afrontar o regime estadonovista que, pelas políticas adotadas, deixava patente suas intenções de regular e atuar no mercado. Assim, se o lançamento do periódico não surgiu como resposta às ações do estado, adotadas quando o número inaugural já estava em circulação, ele foi um instrumento útil para expressar o ponto de vista de editores e fazer frente aos desafios impostos pela conjuntura.

Editores-livreiros no Anuário

Os editores, que no mais das vezes também possuíam livrarias, eram figuras muito presentes no periódico, fosse por serem citados nos anúncios que se espraiavam pelas suas páginas, em artigos, notícias e/ou resenhas de (re)lançamentos de autores consagrados ou estreantes e, obviamente, na seção “Movimento Bibliográfico”, que dava a conhecer tudo o

23 O autor, nascido na França em 1894, radicou-se no Brasil a partir de 1918. Foi professor do Colégio Pedro II e autor dos principais manuais dedicados ao ensino do francês.

24 A presença do poder público foi reivindicada no número de estreia. Depois de listar a ação do governo no México, Argentina e, sobretudo, na Colômbia, onde livros clássicos eram impressos e distribuídos a preços ínfimos, o autor indagou: “Por que o Ministério da Educação do Brasil não inicia sua Biblioteca Nacional de Obras Célebres, de modo que ressuscitem do esquecimento criminoso os obres desgraçados (...) que tentaram erguer a cultura do nosso povo?” E, de forma bastante preconceituosa, prosseguiu: “Gasta-se em subvencionar dúzias de molecotes que jogam *foot-ball* (...), gasta-se em subvencionar clubes carnavalescos, par que não desapareçam do Brasil as borracheiras, as devassidões e as pornografias báquicas” (ALBUQUERQUE LINS, 1937, p. 236). A criação do INL, atendeu às demandas daquele que foi professor de História da UFRJ, nascido em Pernambuco (1895-1984), estudioso da América Latina.

que fora impresso no ano anterior pelas editoras privadas.²⁵ Contudo, artigos dedicados às empresas e seus responsáveis, assim como entrevistas com esses personagens que comandavam o mundo dos impressos, foram pouco numerosos. Já os que se dedicavam exclusivamente ao comércio de livros estiveram ausentes, exceção feita ao italiano Antônio Annunziato, que foi proprietário de livraria na Rua São Bento, em São Paulo, e depois mudou-se para Águas da Prata, cidade do interior paulista onde continuou no ramo e recebeu figuras ilustres, a exemplo de Monteiro Lobato, cujo registro fotográfico, datado de 1944, foi reproduzido nas páginas do ABL (Um animador da imprensa e dos livros no Prata, 1944).²⁶

O tratamento normalmente dispensado aos editores é exemplificado no pequeno texto de Almir de Andrade (1940), que celebrou o sexto ano da José Olympio, não sem antes estabelecer, ainda uma vez, clara divisão entre o período anterior a 1930, “de estagnação, em que pouco se fazia pela vida do livro brasileiro”, uma vez que os editores “se preocupavam mais com os livros de vendagem fácil, as novelas sensacionalistas, as obras colegiais de saída certa”. Na perspectiva do autor, a renovação subordinou-se à nova intelectualidade, mas também “à mentalidade que se formou nos editores (...) de compreensão mais larga, que se dispuseram a suportar os riscos e as dificuldades não pequenas de reformar o comércio do livro nacional”. Na continuação, Andrade insistiu no altruísmo de Olympio, “disposto a trabalhar menos para si do que para a cultura nacional, decidido a afrontar todos os riscos e prejuízos imediatos”, tanto que foi erigido a organizador e consolidador do movimento de renovação. Os adjetivos positivos multiplicavam-se – trabalhador infatigável, tenaz, corajoso, audacioso, dotado compreensão superior e de tino comercial, capaz de acolher de forma sincera novatos e nomes consagrados e, sobretudo, desinteressado de resultados materiais, conforme repisado ao longo do texto. A caracterização, digna de um herói devotado à vida intelectual do país, era estendida a outros editores do mesmo naipe e bem demonstra o esforço de enobrecer a atividade e o responsável, afastando-o da mera condição de empresário.

Não deixa de surpreender que apenas dois editores tenham sido entrevistados. No exemplar de 1939, Freitas Bastos expôs seus planos por ocasião da inauguração da sucursal de sua livraria em São Paulo, primeira de uma cadeia que pretendia estabelecer em diferentes capitais, com promessa de futuras lojas em Recife e Salvador. Ao lado dos livros técnicos, especialidade da casa, pretendia oferecer, ademais das novidades de países europeus, as provenientes da América Latina e dos Estados Unidos. O livreiro e editor ambicionava, ainda, inscrever o espaço da sua loja, sediada na famosa rua XV de

25 O aspecto é relevante, sobretudo frente às múltiplas iniciativas dos diversos órgãos da administração pública, que editavam boletins, revistas e relatórios, com a chancela da Imprensa Nacional ou a partir de serviços gráficos próprios.

26 Ele construiu, anexo à livraria, o Pavilhão da Imprensa, destinado a abrigar escritores e jornalistas que desejassem usufruir das águas minero medicinais do município.

Novembro, que também abrigava a Livraria e Editora Martins e a filial da Civilização Brasileira, no circuito cultural da cidade, tanto que fez referência à “sala dos amigos da livraria”, em processo de organização, dotada de todo conforto e que deveria ser

(...) um ponto de reunião de escritores, jornalistas e intelectuais, onde eles poderão vir consultar obras de estudo, como enciclopédias e coleções volumosas, podendo outrossim aproveitar o local para tratar de seus interesses pessoais, o que será muito útil para aqueles que não possuem escritórios no centro da cidade (Ouvindo o livreiro e editor Freitas Bastos, 1939).²⁷

Outro empreendimento que ocupou as páginas do *ABL*, ainda assim de forma breve, com fotografia e alguns dados sumários, foi a Editora Flama, fundada em 1944 na cidade de São Paulo (Editora Flama, 1943-1944).²⁸ Já Zélio Valverde mereceu três textos no *Anuário*, dois deles antes da aquisição do periódico. O primeiro, no exemplar de 1939, foi uma entrevista que antecedeu a de Freitas Bastos. O momento não poderia ser mais oportuno, uma vez que justamente em 1938 o até então pequeno livreiro especializado em obras sobre o Brasil, como esclareceu Bandeira Duarte em nota que lhe foi consagrada (DUARTE, 1940),²⁹ tornou-se editor, estreando com estudo de Gastão Pereira sobre Prudente de Moraes e a edição da Constituição de 1937.

A “nova fase de trabalho” prosseguiu com volumes de poesias completas de Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias, acompanhadas de estudos críticos, e obras de caráter documental e historiográfico. Vê-se que a proposta era bastante próxima da seção de publicações do INL, então comandada por Sérgio Buarque de Holanda.³⁰ Valverde não se furtou a elogiar a criação do Instituto– “do qual muito podemos esperar” –, ainda que a aposta estivesse no futuro, e do recém-criado serviço de reembolso postal, sem deixar, porém, de reivindicar: “O que precisamos é colaborar com o governo, na medida dos nossos esforços, para que cada vez mais seja o livro uma realidade entre nós, pleiteando o barateamento do papel, da matéria prima e facilidades de porte” (Uma entrevista com o editor Zélio Valverde, 1939, p. 474-475). Manteve-se fiel à linha editorial, tanto que no derradeiro exemplar do *ABL* a sua decisão de publicar

27 Legenda que acompanha foto que registrou a inauguração da livraria e que se encontra na p. 31.

28 Trata-se de foto do jantar de inauguração das atividades, cuja legenda traz algumas informações sobre os presentes e autores já editados.

29 O texto, retomado por aqueles que se referem à Valverde, detalha os momentos iniciais do livreiro na Rua do Rosário, n. 85.

30 A seção de publicações foi dirigida por Sérgio Buarque de Holanda entre 1937 e 1944. A respeito das atividades desenvolvidas, consultar: RIBEIRO (1943).

fac-símiles de jornais do século XIX e reeditar folhetos antigos, acompanhados de estudos de especialistas, foi saudada (MORAES, 1943-1944).

O segundo aspecto comentado por Valverde na entrevista de 1939 diz respeito à sua condição de representante de várias editoras (a exemplo da Pongetti, Freitas Bastos, Quaresma, Minerva, Federação Espírita, Guanabara, J. Leite, A. Coelho Branco, Jacinto, H. Antunes, Minha Livraria Editora) para distribuição de livros no Distrito Federal, ao que se somava acordo de exclusividade com a Empresa Editora Brasileira de São Paulo, para vendas em Niterói e na cidade do Rio de Janeiro. O dado é interessante por evidenciar tanto as dificuldades enfrentadas para a difusão do livro na própria capital do país, quanto a concomitância no desempenho das funções de editor, livreiro e distribuidor, indício de que a especialização das funções ainda não se impusera. Nas suas palavras: “Uma pequena livraria do Méier, de Madureira, ou de outra localidade qualquer, poderá adquirir, por meu intermédio, todos os livros editados pelos editores que represento, com os descontos e prazos habituais” (Uma entrevista com o editor Zélio Valverde, 1939, p. 474). Em 1939, Valverde reforçou a posição que ocupava no mercado graças à aquisição da livraria e editora de Augusto Frederico Schmidt.

Fora do eixo Rio São Paulo, há duas menções à Livraria do Globo, fundada em fins de 1883 e que a partir de 1916 acresceu, aos serviços de impressão que já prestava, o setor de edição, inaugurado com o *Almanaque do Globo* (Porto Alegre, 1917-1933). Nas décadas seguintes, a empresa levou a cabo programa editorial, com autores nacionais e robusto conjunto de traduções.³¹ A despeito da relevância do empreendimento, no *ABL* seu comparecimento deu-se de maneira muito modesta. De fato, apenas um artigo tratou propriamente da Globo e sua importância reside no fato de reafirmar visão consagrada no *Anuário* em relação ao papel desempenhado por editoras. Assim, a empresa gaúcha foi caracterizada como iniciadora da “verdadeira produção literária do Rio Grande do Sul”, graças ao terreno preparado por Mansueto Bernardi e João Pinto Silva, responsáveis por diversos projetos editoriais da casa, sucedidos, desde 1931, por Érico Veríssimo, elogiado pelas decisões do setor editorial (COSTA, 1937). Fosse no Rio de Janeiro, em São Paulo ou no Rio Grande do Sul, a interpretação seguia no diapasão que subordinava o crescimento e a diversificação da produção literária aos empreendimentos editoriais, capitaneados por abnegados que trabalhavam em prol da cultura nacional. Já o outro texto sobre a Globo repisou a importância da empresa de Porto Alegre, mas com objetivo diverso, pois trouxe breves considerações sobre todos os autores nascidos no Rio Grande do Sul e editados ao longo de 1939, fosse pela Globo ou por outras editoras do país, o que acabava por secundarizar a chancela editorial (DINIZ 1940).

31 Acerca da trajetória da Livraria, tipografia e depois editora do Globo, consultar: AMORIM (1999) e TORRESINI (1999).

Fica patente, portanto, que se a fabricação e a distribuição do objeto livro não eram vertentes privilegiadas nos artigos do *Anuário*, tampouco os proprietários de editoras se faziam presentes em suas páginas de maneira frequente. É obvio que o leitor se deparava, a todo momento, com a chancela das diferentes casas, o que não se confunde com a voz dos seus responsáveis. Igualmente significativa é a ausência de retratos individuais, exceção feita a alguns raros eventos coletivos, como no caso da inauguração da Livraria Freitas Bastos, na qual nem mesmo o livreiro-editor foi identificado na legenda (ver Figura 5)

FIGURA 5 INAUGURAÇÃO DA LIVRARIA FREITAS BASTOS



Fonte: *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 31, 1939.

Escritores no ABL

A diferença em relação aos escritores é muito evidente. A começar pelo fato de, na maior parte dos exemplares, muitos dos artigos serem acompanhados por desenhos, caricaturas ou fotos de seus autores, o que atendia à curiosidade do leitor, num momento em que os meios coletivos de difusão da imagem ainda não estavam disponíveis. O mesmo ocorria no interior dos comentários, notas, ensaios e artigos consagrados aos literatos, os quais frequentemente igualmente reproduziam retratos. Esses também figuravam de forma autônoma, ou seja, sem estarem atreladas a textos, acompanhados de legendas que continham dados biográficos (ver Figura 6). Tal prática foi bastante recorrente no número inaugural, que estampou desenho de Gilberto Freyre e fotos de Paschoal Castro Magno, Olegário Mariano, Cumplido de Sant'Ana, José Lins do Rego, Manoel Bandeira, Judith Nunes

Pires e Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, ambas editadas pela Pongetti, além registro de 1891 de Cruz e Souza, Virgílio Várzea e Horácio Carvalho, saudado pela raridade. Já no exemplar derradeiro, duas páginas com fotos e caricaturas anunciavam livros publicados ou em preparação. Ainda que não seja possível aprofundar a questão, cabe assinalar os diversos sentidos assumidos por retratos de escritores desde sua difusão ainda no Oitocentos, processo que foi contemporâneo da emergência do literato enquanto figura pública, conforme assinalado pela bibliografia especializada (LAVAUD, 2014).

FIGURA 6 RETRATOS DE JOSÉ LINS DO REGO E MANUEL BANDEIRA NO ABL



José Lins publicou trecho do anunciado romance *Pureza* nesse número. Fonte: *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 258. 1937.

A aproximação com o público também se dava por meio da seção “Endereços de Escritores no Rio”, ordenada alfabeticamente e que se transformou em “Endereços de Intelectuais” no último exemplar, passando a incluir nomes de todo o país, agrupados por estado da federação.³² O periódico abria espaço para a inauguração de monumentos públicos, como foi o caso das estátuas de João do Rio e Francisco Adolfo de Varnhagen,

32 A seção não constou no primeiro (1937) e no terceiro (1940) exemplar. Por vezes, informava-se o endereço da residência, outras o do veículo de imprensa no qual o indivíduo colaborava ou, ainda, o do órgão público ao qual se vinculava.

cujas cerimônias, devidamente registradas fotograficamente, ocorreram em outubro de 1938 por iniciativa, respectivamente, da Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (SEIDL, 1939).

As instituições culturais, particularmente as que reuniam escritores, encontravam abrigo no *ABL*, a começar pela Academia Brasileira de Letras, a respeito da qual se apresentou, em detalhes, a trajetória (D'ALMEIDA, 1942, MONTELLO, 1943-1944) e as raridades guardadas em sua biblioteca (OLIVEIRA, 1939, 1940, 1941), ao lado das atividades desenvolvidas no decorrer do ano, a posse de novas diretorias, os imortais recém-eleitos, fotografados com o tradicional fardão. Muitos dos colaboradores do *Anuário* ostentavam o pertencimento à Academia Carioca de Letras, fundada em 1926 e cuja história e ações igualmente preenchiam páginas do *ABL* (COSTA, 1937, Academia Carioca de Letras, 1941), fato também observado em relação ao P. E. N. Clube do Brasil, desde a sua organização em 1936 sob a batuta de Cláudio de Souza (PEDROZA, 1938; SOUZA, 1941).

Entidades que já não funcionavam, a exemplo do Gabinete Cearense de Leitura (1875-1919), ou recém organizadas, caso do Instituto Brasileiro de Letras, fundado no Rio de Janeiro em setembro de 1937 e que, segundo parece, não teve vida longa a despeito dos muitos nomes famosos que assinaram a ata de fundação (Instituto Brasileiro de Letras, 1938), ou, ainda, da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), que surgiu em São Paulo em 1942 e desempenhou papel de relevo nos momentos finais do Estado Novo (LIMA, 2015), encontraram abrigo no *Anuário* (Gabinete Cearense de Leitura, 1941, Instituto Brasileiro de Letras, 1938, Associação Brasileira de Escritores em 1942-1942, 1943-1944, respectivamente). Mesmo iniciativas de ordem privada, a exemplo da Cabana Azul, denominação que Júlia Galeno, filha do poeta cearense Juvenal Galeno, deu às recepções em sua residência no Leme, segundo os moldes dos salões literários, não deixaram de figurar na publicação, com direito a fotografias que evidenciavam a predominância de mulheres, então alijadas das instituições literárias, nas quais se ouviam apenas vozes masculinas (Academia Juvenal Galeno, 1939).

Ao lado do pertencimento/frequência às agremiações literárias, as premiações também nobilitavam autores e editores, a começar pelo mais emblemático de todos, o Nobel de Literatura, cuja origem e a lista completa dos laureados, com respectivos retratos, foi apresentada ao leitor em tom pedagógico (O que é o Prêmio Nobel de Literatura, 1939). No plano local, o *ABL* deu destaque para a primeira mulher contemplada pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio Machado de Assis de 1941, Tetrá de Teffé, pelo romance *Bati à porta da vida*, lançado no ano anterior pela Pongetti, o que lhe valeu fotografia de página inteira no periódico. Já a decisão da Sociedade Felipe d'Oliveira de outorgar em 1937 o prêmio anual de literatura para Manuel Bandeira, presença frequente no *Anuário*, foi efusivamente saudada (Sociedade Felipe d'Oliveira, 1938). Os editores,

por seu turno, também se dispuseram a montar comissões encarregadas de distinguir autores, tanto que em 1941 a Livraria José Olympio divulgou as regras para o Prêmio de Romance José de Alencar e o Prêmio de Contos Humberto de Campos, com promessa de ganhos financeiros e garantia de edição das obras, a serem escolhidas por nomes dos mais destacados no cenário nacional (Concursos Literários, 1941).³³

O *Anuário* fornece rico material acerca da construção da figura do escritor, que era convocado a dar depoimentos e responder questões diversas. Numa tradição que no Brasil remonta ao famoso *Momento Literário*, inquérito realizado por João do Rio no início da década de 1900 para o jornal *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875-1977) e posteriormente recolhido em livro pela Garnier, a visita à residência de escritores seguia em pauta, ato que, por si só, já se constituía num evento.³⁴ Ofertava-se ao leitor a possibilidade de esgueirar-se pela residência do entrevistado, cujas declarações poderiam assumir papel menos importante do que a reconstrução do ambiente e das características do anfitrião. Não se tratava de mera transcrição do que fora dito, o entrevistador, também ele um escritor, mobilizava protocolos ficcionais. Veja-se, a título de exemplo, a descrição de Ernani Fornari:

Um bangalô, um lindo bangalô, erguido no centro de pequeno e bem cuidado jardim (...). Livros por toda parte. Paredes completamente revestidas de grandes e valiosas telas. Quadros em abundância no *hall*, na sala de jantar, no gabinete, no *fumoir*, nos vãos da escada, no chão encostados às paredes, por não haver mais lugar onde colocá-los. A profusão, entretanto, longe de monotonizar e dar ao ambiente esse ar empanturrado de *bric-à-brac* das galerias de certos colecionadores com muito dinheiro e nenhum gosto, dava – a coisa singular! – às salas de Olegário Mariano uma atmosfera de sobriedade, de apuro, de *confort*, e de profunda religiosidade onde os santos eram representados por Dante, Paul Fort, Beethoven, Rostand, Bilac etc. Uma atmosfera que se renovava a todo momento (...) tal o senso estético que presidira à coleção das telas e à distribuição dos objetos. Enfim, verdadeira casa de grande poeta, cujo coração e espírito são do tamanho de sua grandeza poética. Casa nada acadêmica de acadêmico grandíssimo (FORNARI, 1937, p. 157-158)

33 Comissão do prêmio romance: Tristão de Ataíde, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Álvaro Lins, Graciliano Ramos, Genolino Amado e Brito Broca. Já a do prêmio de contos era composta por: Aníbal Machado, José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Peregrino Júnior e Magalhães Júnior.

34 Thérenty (2007) chamou atenção para o fato de as entrevistas e as enquetes, inclusive as dirigidas aos escritores, terem se espalhado pelos periódicos franceses a partir das décadas de 1870 e 1880, o que demandava a presença do repórter no palco dos acontecimentos, fosse para dar conta de algum *fait-divers*, conflito armado, fato político, acontecimentos sociais ou eventos culturais. Pode-se acrescentar que o fenômeno não foi apenas francês, mas se fez presente nas publicações produzidas em escala industrial, fosse em outros países europeus ou nos EUA.

Na tentativa de humanizar os intelectuais, capturar as características de cada um, a personalidade, os hábitos e as opiniões, o *Anuário* publicou entrevistas com Afrânio Peixoto, Álvaro Moreira, José Lins do Rego, Joracy Camargo, Marques Rebelo, Olegário Mariano, Heitor Vila Lobos, Candido Portinari e Modestino Kanto, com o intuito de saber como realizavam seu ofício, de onde retiravam inspiração, em que momentos do dia e como trabalhavam, não raro acompanhadas de fotos que os registravam em seus escritórios, sentidos à mesa de trabalho, lendo ou escrevendo, cercados por estantes, quadros e objetos que remetiam às atividades intelectuais, como se observa na Figura 7 (VITOR, 1938).

FIGURA 7 OLEGÁRIO MARIANO EM SEU ESCRITÓRIO



O ABL já havia publicado descrição da casa do escritor. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 179, 1938.

Em outra oportunidade, figuras de destaques, entre as quais Jorge Amado, Graciliano Ramos, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Álvaro Lins e Álvaro Moreira, foram inquiridas acerca do que gostavam de fazer quando não estavam escrevendo e convidadas a indicar o melhor livro lançado em 1939. Como de hábito nesse gênero de enquete, as respostas foram acompanhadas da descrição de onde se deu o encontro e de fotografias (Que prefere

você fazer quando não está escrevendo? 1940). A insistência em questionar os escritores pode ser tomada como indicativo do lugar que ocupavam no espaço público e do interesse e curiosidade em torno de suas opiniões pessoais. Já outros entrevistados deveriam declarar o que gostariam de ser caso não fossem escritores e, ainda no campo dos desejos, qual livro gostariam de escrever (Que desejaria ser se não fosse escritor, 1939). Em todos os exemplos citados, alguns tomaram as perguntas a sério, enquanto outros as responderam de maneira jocosa e bem-humorada ou com significativas doses de ironia.

Os ilustradores não passaram imunes a esse tipo de demanda, tanto que foram convidados a discorrer sobre sua vida pessoal e desafiados a desenhar a Capitu de Machado de Assis na adolescência, o que preencheu páginas do periódico com diferentes versões da personagem, além de instantâneos que os flagravam de lápis em punho ou desenhando, debruçado sobre suas pranchetas (Reportagem com os caricaturistas e ilustradores, 1940).

Cabe indagar acerca do estatuto dessas entrevistas e seus protocolos, que não permaneceram estáticos no decorrer do tempo, e cujos significados estão longe de ser consensuais. Há os que as encaram como um gênero ou subgênero literário, que merece ser tomado a sério, enquanto os seus detratores mais ácidos aproximam-nas das futilidades típicas da indústria cultural. Na direção oposta, as instigantes reflexões de Rodden (2001), que acompanham um conjunto de entrevistas que realizou com escritores e críticos, insiste na complexidade dessa prática, que envolve relações entre o indivíduo e a persona literária. Para além desse aspecto, o autor chamou a atenção para as múltiplas estratégias mobilizadas pelo personagem principal, o entrevistado, sem descuidar da necessidade de se levar em conta os diferentes papéis assumidos pelo entrevistador que, longe de ser uma figura neutra, atua durante a realização da entrevista e nas etapas posteriores, de edição e publicação.³⁵

Ainda na perspectiva da construção da imagem do literato, o *Anuário* contém material de natureza autobiográfica, que tanto poderia remeter aos anos de juventude, a exemplo das evocações de Porto Alegre (BELEZA, 1941) e do Recife (SETE, 1938, 1939), quanto fazer referência a eventos específicos, caso do depoimento de Menotti del Picchia acerca das origens da Semana de 1922 (PICCHIA, 1939). Já Guilherme de Almeida compartilhou as experimentações para a construção de seus haikai (ALMEIDA, 1939). Em perspectiva diversa, o interesse acerca de informações de cunho pessoal poderia ser satisfeito por terceiros, caso das observações em tom jocoso de Osório Borba sobre Agripino Grieco, Prudente de Moraes, neto, Álvaro Moreira, José Oiticica, Anibal Machado, Astrogildo Pereira, Marques Rebelo, Guilherme de Figueiredo, Emil Farhat (BORBA, 1942) e das curiosidades reveladas por João Conde Filho a respeito de Álvaro Lins, José Lins do Rego, Octávio de Faria (CONDÉ FILHO, 1943-1944).

35 Para uma visão diacrônica da questão, consultar o volume editado por Butts (1990), que reuniu dezenove entrevistas do poeta Wilbur Richard (1921-2017), relativas a três décadas e concedidas a diferentes indivíduos.

Conclusão

O *Anuário Brasileiro de Literatura* tem sido mobilizado enquanto fonte de informação a respeito do mercado editorial, especialmente pelo fato de fornecer o rol do que as empresas tinham (re)lançado no ano anterior, num momento marcado por forte crescimento do setor. Entretanto, com vistas a torná-lo mais do que uma listagem de títulos, o que possivelmente não atrairia público amplo e, portanto, não cumpriria a função evidenciar a atuação dos editores, outros conteúdos foram acrescidos, compondo uma espécie de arquivo não apenas sobre a edição de livros, mote que impulsionou o projeto do *ABL*, mas da cultura em perspectiva ampla. E é justamente essa polifonia que o torna uma fonte importante para revisitar ideias, debates e valores então em circulação.

Dentre as muitas possibilidades analíticas, a ênfase recaiu em dois aspectos: de um lado, verificar como uma publicação que pretendia expressar o vigor do setor livreiro tratou as questões ligadas à fabricação do objeto livro e o lugar reservado aos donos das empresas e, por outro, averiguar a forma como os que escreviam as obras foram apresentados e representados aos leitores. Os resultados, até certo ponto surpreendentes, evidenciaram que as questões associadas à indústria e ao funcionamento do mercado livreiro não tiveram protagonismo, o que também se verifica em relação aos editores, cuja voz poucas vezes se fez ouvir. No entanto, tal constatação não significa que o *ABL* não tenha sido utilizado como veículo para expressar os interesses coletivos do setor diante de ações do poder público que afetavam o setor, ao que se soma a difusão de uma imagem edificante dos editores, tarefa cumprida pelos colaboradores. Ainda há que se acrescer o seu papel como difusor dos projetos da Irmãos Pongetti, responsável por sete dos oito volumes lançados, o que era feito de forma a mesclar informação e publicidade.

Já os escritores, de cujas obras dependiam os editores, também eram os responsáveis pelos textos publicados no *ABL*, muitos dos quais se referiam à figura do intelectual e, sobretudo, à do literato, que ocupava o centro da cena na publicação e no mercado editorial. Figuras públicas, em torno das quais se contrapunham imagens que ora os dotavam de características superiores, ora os aproximavam dos simples mortais, graças às enquetes que, no mais das vezes, versavam sobre banalidades. A tensão alimentava a curiosidade e o interesse dos leitores, que eram informados sobre as distinções, prêmios e homenagens recebidas, o pertencimento às instituições culturais, o funcionamento e as ações dessas entidades, elas também envoltas numa aura de prestígio e glória, por reunirem os que cultivavam o nobre ofício de escrever.

Os tópicos escolhidos, se estão longe de esgotar as potencialidades do conteúdo estampado no *ABL*, constituem-se numa porta de entrada instigante, por dizer respeito às imagens construídas a respeito daqueles que idealizaram a publicação e dos que

efetivamente produziram o periódico, aspectos que também colaboram para compreender os diferentes sentidos assumidos pela publicação, que não parece ter se limitado a expressar os interesses das editoras.

Fontes:

Anuário Brasileiro de Literatura (1937-1944). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=158550&pesq=&pagfis=1>. Acessos em jan. 2024.

A indústria do livro no Brasil. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 336, 1939.

Academia Carioca de Letras. Minuta de sua história e realizações. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 69-70 e 216, 1941.

Academia Juvenal Galeno. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 318, 1939.

ALBUQUERQUE LINS, [Silvio Júlio]. Cultura literária e sua importância. A educação e os recursos do bom gosto. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 235-236, 1937.

ALMEIDA, Guilherme de. Os meus Haikai. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 21-24, 1930.

ANDRADE, Almir de. Um homem e uma obra. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 268, 1940.

Associação Brasileira de Escritores em 1942-1943 *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 197-199, 1943-1944.

BARBOSA, Francisco de Assis. Erich Eichner, editor. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 315-317, 1943-1944.

BARBOSA, Paulo. Planos e realizações da Livraria Brigueit-Garnier. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 313-314, 1943-1944.

BELEZA, Newton. Evocações de Porto Alegre. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 123-124 e 262, 1941.

BORBA, Osório. Croquis de um álbum secreto de caricaturas. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 6, pp. 23-24, 1942.

Carlos Domingues. *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, n. 2, p. 227, 1938.

Concursos Literários. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 129, 1941.

CONDÉ FILHO, João. Notas de um anarquista sentimental. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, pp. 177-180, 1943-1944.

COSTA, Affonso. Academia Carioca de Letras. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 79-80 e 316, 1937.

COSTA, Alexandre da. O mercado e a produção de livros no Rio Grande do Sul. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 107-108, 1937.

- D'ALMEIDA, Victor. Academia Brasileira de Letras. História literária e biobibliográfica. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 5, pp. 145-184, 1942.
- D'ALVAREZ, Martins. A melhor ideia do ano. *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 347-348, 1944.
- Decreto-Lei 1006, de 30/12/1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em jan. 2024.
- Decreto-Lei 93, de 21/12/1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1930-1939/decreto-lei-93-21-dezembro-1937-350842-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Cria%20o%20Instituto%20Nacional%20do,180%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em jan. 2024.
- DINIZ, Silvio. Movimento editorial gaúcho. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 27-30, 1940.
- DUARTE, Bandeira. Zélio Valverde livreiro-editor. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 368, 1940.
- Editora Flama. *Anuário Brasileiro de Literatura*., Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 293, 1943-1944.
- Fatores econômicos. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 116, 1937.
- Fatos da vida de uma livraria, 1943-1944. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 319-320, 1943-1944.
- FORNARI, Ernani. Uma visita como poucas. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 156-159, 1937.
- Gabinete Cearense de Leitura. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2p. 172, 1938.
- Iniciativa de alta significação, *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 22, 1937.
- Instituto Brasileiro de Letras. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 311, 1938.
- LANTEUIL, Henri de. O ensino das línguas estrangeiras e o livro nacional. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 427-429, 1939.
- LEGENDRE, Bertrand; ROBIN, Christian (dir.). *Figures de l'éditeur*. Représentations, savoirs, compétences, territoires. Paris : Nouveau Monde Éditions, 2005.
- MONTELLO, Josué. Academia Brasileira de Letras. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, pp. 181-184, 1943-1944.
- MORAES, Rubens Borba. Duas iniciativas de Zélio Valverde. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 299-300, 1943-1944.
- Movimento Bibliográfico. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 295-312, 1937.
- NEVES, J. L. Costa. A ilustração no livro brasileiro. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 81-86, 1937 (b).
- NEVES, J. L. Costa. Leitor amigo! *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-7, 1937 (a).
- O livro e a publicidade. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 210-211, 1941.

- O papel no quadro da economia brasileira. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 212, 1940.
- O que é a Rádio Difusora de São Paulo. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 445-446, 1939.
- O que é o Prêmio Nobel de Literatura. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 338-341, 1939.
- OLIVEIRA, Osvaldo Melo Braga de. A biblioteca da Academia Brasileira de Letras. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 151-152, 1939; n. 4, pp. 233-234, 1940; n. 5, pp. 71-71, 1942.
- Ouvindo o livreiro e editor Freitas Bastos. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 476, 1939.
- OUVRY-VIAL, Brigitte; RÈACH-NGÔ, Anne (dir.). *L'acte éditorial. Publier à la Renaissance et aujourd'hui*. Paris: Éditions Classique Garnier, 2010.
- PEDROZA, Raul. Bilhete do P.E.N. Clube. 15º Congresso Internacional de Paris. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, pp. 420-421, 1938.
- PEREIRA, Mario. A Livraria Martins em 1944. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 317-318, 1943-1944.
- PICCHIA, Menotti del. Como “aquilo” aconteceu... *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 19-20, 1939.
- PONGETTI, Henrique. Em dez curtos anos... *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 9-10, 1937.
- Que desejaria ser se não fosse escritor? *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 342-347, 1939.
- Que prefere você fazer quando não está escrevendo? *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 4, pp. 97-104, 1940.
- Reportagem com os caricaturistas e ilustradores. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 4, pp. 105-113, 1940.
- RIBEIRO, Adalberto Mário. O Instituto Nacional do Livro. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, ano 6, v. 3, n. 1, p. 46-61, jul. 1943.
- SEIDL, Roberto. Varnhagen e João do Rio. Os dois novos bustos da cidade. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 137-139, 1939.
- SETE, Mário. Como comecei a escrever. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, pp. 345-345, 1938.
- SETE, Mário. O mundo literário no Recife. Evocações de outrora. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 242-246, 1939.
- SMITH, Carleton Sprague. Livros brasileiros em inglês. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 87-97, 1943-1944.
- Sociedade Felipe d'Oliveira. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 57, 1938.
- SOUZA, Cláudio de. Os escritores dos estados e o P.E.N. Club do Brasil. *Anuário Brasileiro de*

Literatura, Rio de Janeiro, n. 5, p. 135 e 249, 1941

Um animador da imprensa e dos livros no Prata. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 298, 1943-1944.

Um pioneiro da nossa indústria gráfica. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 296, 1943-1944.

Uma entrevista com o editor Zélio Valverde. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 474-475, 1939.

Uma realidade incontestável. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 6, 1938.

VITOR, D'Almeida. Como trabalha o intelectual. 1938. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, pp. 177-189, 1938.

ZARUR. Alziro. A literatura no rádio. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 145-146, 1937.

ZINGG, Paulo. Atualidade do livro francês na América. *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 95-97, 1943-1944.

Bibliografia

AMORIM, Sonia Maria de. Em busca de um tempo perdido. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: EDUSP : Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

BUTTS, William (ed.). *Conversation with Richard Wilbur*. Jackson and London: University of Mississippi, 1990.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005.

KATZ, Israel J. In Memoriam: Carleton Sprague Smith (1905-1994). *Inter-American Music Review*, Santiago, v. 14, n. 2, p. 115-120, 1995. Disponível em: <https://iamr.uchile.cl/index.php/IAMR/issue/view/5116>. Acesso em: jan. 2024

LAVAUD, Martine. Envisager l'histoire littéraire. *CONTEXTES*. Revue de sociologie de la littérature, n. 14, p. 1-35, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/5925>. Acesso em jan. 2024.

LIMA, Felipe Victor. *Literatura e engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. Tese (História). São Paulo: FFLCH/USP, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11042016-112626/pt-br.php>. Acesso em jan. 2024.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Leituras*: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, n. 2, p. 19-33, primavera 1998. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/investigacao/opombo-classificacao.pdf>. Acesso em: jan. 2024.

RODDEN, John. *Performing the Literary Interview*. How writers craft their public selves, Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2001.

SORA, Gustavo. *Brasilianas*. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp : Com-Arte, 2010.

THERENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien*. Poétiques Journalistiques au XIXe siècle. Paris: Seuil, 2007.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. Editora Globo. Uma ventura editorial nos anos 1930 e 1940. São Paulo: EDUSP : Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

Recebido em: 19/01/2024

Aprovado em: 21/08/2024